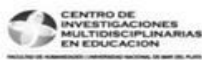


7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

GRUPOS DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ESCOLAS QUILOMBOLAS.

Iris Verena Oliveira

UNEB

irisveren@gmail.com

Jamara Santos Silva

UNEB

Resumen: Pretende-se problematizar narrativas de professores que atuam na Escola José Alencar, que atende a crianças quilombolas de Nordestina, no interior da Bahia/Brasil. Os relatos foram coletados durante a formação de professores em exercício, cujo intuito é ampliação de repertório sobre educação e relações sociais para docentes que atuam em escolas quilombolas. A formação é pensada na e pela experiência, a partir dos pressupostos de Jorge Larrosa Bondía, enquanto dispositivo de subjetivação visibilizado nos cenários propostos como Grupos de Experiência, metodologia de pesquisa que permite a coleta de informações por provocar desestabilizações todos os envolvidos, pelas situações em que são provocados ao relatar suas experiências, momentos em que as invenções de si também possibilitam construções narrativas sobre o outro. O texto apresenta o processo formativo que envolveu professores que atuam em uma escola, destacando modos de fazer curriculares em suas relações e tensões com as comunidades quilombolas do entorno. Propõe que as dificuldades no tratamento de questões étnico-raciais no espaço escolar tem uma relação direta com as trajetórias de vida dos docentes, suas expectativas e impressões sobre a escola em que atuam.

Palavras-chave: experiências; quilombolas; práticas curriculares.

NORDESTINA

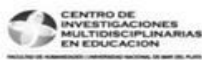
A pesquisa que apresentamos nesse artigo envolve as narrativas, experiências e práticas curriculares de professores da cidade de Nordestina, cidade brasileira, situada no interior da Bahia. As informações e documentos relativos a atuação dos docentes foram

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

ouvidas e sistematizadas a partir do envolvimento destes no curso de formação de ofertado para professores de escolas quilombolas, daquele município. Nordestina fica localizada no Território do Sisal, onde 18 comunidades quilombolas são certificadas e mais duas aguardam os desdobramentos dos processos de certificação. Temos informações de que esse número deve aumentar, tendo em vista que algumas comunidades ainda não conseguiram se organizar para cumprir a burocracia exigida para certificação. As comunidades estão distribuídas nos seguintes municípios:

Nº	Município	Comunidade	Situação na FCP
1	Cansanção	Tamanduá	Certificada
2	Biritinga	Vila Nova	Certificada
3	Conceição do Coité	Maracujá	Certificada
4	Nordestina	Bom sucesso	Certificada
5	Nordestina	Caldeirão	Certificada
6	Nordestina	Lagoa da Fumaça	Certificada
7	Nordestina	Caldeirão do Sangue	Certificada
8	Nordestina	Comunidade Negra Rural de Lagoa Salina	Certificada
9	Nordestina	Grota	Certificada
10	Nordestina	Lagoa da Cruz	Certificada
11	Nordestina	Lagoa dos bois	Certificada
12	Nordestina	Laje das cabras	Certificada
13	Nordestina	Palha	Certificada
14	Nordestina	Poças	Certificada
15	Nordestina	Tanque Bonito	Certificada
16	São Domingos	Vila África	Certificada
17	Lamarão	Sítio Santana	Certificada
18	Monte Santo	Laje do Antônio	Certificada
19	Serrinha	Lagoa do Currão	Processo pendente
20	Biritinga	Trindade	Processo pendente

Fonte: Base de dados da Fundação Cultural Palmares

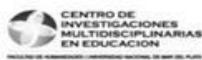
Dentre os municípios do Território, a situação de Nordestina se destaca pela grande concentração de comunidades certificadas, são 12 comunidades vizinhas com descendência comum, em alguns casos, e grande rivalidade entre si. Distantes alguns quilômetros da sede, até 2012 as crianças da região eram atendidas por três unidades

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

escolares, que foram nucleadas na Escola A. Por isso, 95% dos estudantes da referida unidade escolar é morador das comunidades quilombolas do entorno.

Para quem ouve falar no estado da Bahia estando fora dele, ou para quem conhece apenas o roteiro turístico de sua capital, pode parecer que os baianos convivem com atabaques, samba-reggae, acarajé, candomblé e outros elementos da baianidade nagô cantados em verso e prosa pela música e pela literatura amadiana. Entretanto, tais referências compõem o mapa turístico apenas de Salvador e algumas cidades do recôncavo baiano. Nessas cidades, a fantasia de representação está fortemente alicerçada na herança e ancestralidade da população negra. A história oferece bases de legitimação identitária relacionadas à presença maciça de africanos, vindos especialmente da região ocidental do continente. Entretanto, em outras cidades do estado da Bahia, o discurso da etnia não apresenta tanta força, como é o caso daquelas que compõem o Território do Sisal.

Tratar sobre o passado da população negra no Território do Sisal é algo bastante recente. Essas investigações ganharam impulso depois da implantação do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia/Campus XIV, iniciado em 2006. Os registros de compra e venda de cativos, assim como os testamentos³ indicam que era comum na região que os proprietários tivessem entre 01 e 03 cativos. (Souza, 2016) Pela documentação levantada até o momento (cartas de alforria, inventários, livros de batismo e casamento), em Conceição do Coité, ocorria uma feira voltada para venda e compra de escravos, tornando a cidade um importante centro comercial para região e por onde passavam cativos para outras províncias, o que leva a supor que elas possuíam situação semelhante quanto à predominância de escravizados brasileiros e organização em grupos pequenos nas propriedades rurais. (Rios, 2006; Gordiano, 2011)

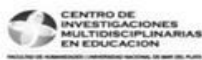
Entretanto, as narrativas de memorialistas do Território construíram outras ficções relacionadas ao passado daquela população, nelas se destaca o passado longínquo dos

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

índios Tocós, imagens tradicionalmente vinculadas ao sertão e mais recentemente a importância das atividades ligadas ao cultivo e manufatura do Sisal⁴. Portanto, ter 18 comunidades certificadas como quilombolas na Fundação Cultural Palmares é impressionante diante de um Território cuja população não reivindica pertencimento étnico vinculado à negritude.

A apresentação dessa peculiaridade do Território fez-se necessária para dizer que, frequentemente, quando as lideranças comunitárias se referem à falta de consciência do que é ser quilombola, ou ainda, que as pessoas das comunidades não têm orgulho de sua negritude, elas tomam como referência o processo de empoderamento tal qual ocorreu em Salvador ou em cidades do Recôncavo baiano, como Cachoeira, por exemplo. Ou seja, as cidades do Território nem contam com as narrativas de ancestralidade, fundadas na história, legitimando suas construções identitárias. Por isso a fala recorrente das lideranças sobre a falta de consciência, como se a mesma só pudesse se expressar na organização de espaços como os blocos afro, afoxés e outras práticas culturais presentes na capital do estado.

Tendo em vista a peculiaridade do Território do Sisal, que não reivindica uma história marcada pela trajetória de populações negras e/ou vincula práticas culturais de matriz afro-brasileira aos seus mitos de fundação, questiona-se; como as especificidades da educação escolar quilombola são atendidas nas práticas curriculares de Nordestina?

“ELES... OS NEGROS”

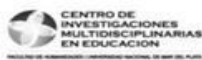
Nas conversas iniciais com os docentes da Escola José Alencar apresentou-se a intenção de aproximar universidade e educação básica, no intuito de possibilitar a garantia de direitos de estudantes quilombolas, quanto a metodologia de ensino diferenciada, prevista nos dispositivos legais brasileiros. A aproximação se deu de forma cuidadosa, sem julgamentos prévios e evidenciando a dificuldade encontrada em diversas escolas

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

quilombolas brasileiras, que enfrentam o desafio de implementar as políticas públicas visando a garantia de direitos, mas que não contam com um corpo docente com a formação específica para atender o alunado.

Diante da dificuldade apontada pelos docentes e Secretaria Municipal de Educação, quanto a formação dos professores propomos um curso de formação em exercício intitulado: “Grupo de Experiência: Educação e Relações Étnico-Raciais”, os GE’s, organizados em encontros mensais, no horário escolhido pelos professores. O curso foi ofertado para todos os docentes da rede municipal, mas com atenção especial voltada para aqueles que atuavam em escolas quilombolas.

Nas conversas informais, reuniões de planejamento da Jornada Pedagógica e nos primeiros GE’s chamou atenção a forma como os docentes caracterizavam os estudantes estabelecendo um distanciamento, ainda que fenotipicamente eles fossem parecidos com os alunos da Escola José Alencar, quando observados aspectos como a cor pele, formato do nariz ou tipo de cabelo. Era bastante comum que ao se referir aos estudantes aparecesse a expressão: “eles... os negros”. Em outros momentos ouvimos expressões do tipo: “minha mãe era negra”, “eu tenho uma sobrinha negra”, nessas narrativas o negro era sempre o outro, e mesmo quando se referiam a membros da própria família, não parecia lançar qualquer possibilidade de repensar o próprio pertencimento.

Por outro lado, em diversos momentos os professores diziam incentivar a valorização da cultura negra entre os alunos, e por isso não compreendiam o porquê da resistência daqueles em assumir o seu pertencimento étnico com orgulho. Postura semelhante a adotada pelos professores.

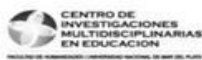
Paralelo aos encontros com os docentes foi realizado um levantamento da documentação escolar nos últimos cinco anos. Atas de reuniões com pais e mestres, registros de ações realizadas na unidade, fotografias dos eventos, entre outros documentos foram analisados desde o período de fundação da escola. A partir do levantamento realizado é possível identificar uma intensa atuação dos profissionais que

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

atuam na Escola José Alencar. Destaca-se o envolvimento em projetos como o “Baú de Leitura” e o “CAT” (Conhecer, Analisar e Transformar), que desenvolvem a metodologia da educação do campo, na perspectiva da educação contextualizada atenta ao contexto do semiárido em que a escola está inserida e valorizando as características locais.

A atuação estudantil foi identificada em alguns projetos como no “Jornal da Escola”, cujos registros indicam uma curta duração. O Jornal contava com desenhos, poesias e notícias, resultado da produção de meninos e meninas com a faixa etária entre 4 e 13 anos.

As fotografias dos eventos evidenciam interação entre a escola e a comunidade. Em alguns momentos através do oferecimento de serviços, como campanhas de vacinação em outros através da sociabilidade construídas em festas, com destaque para a festa junina, que parece mobilizar as comunidades quilombolas localizadas no entorno da escola.

Destacam-se nas fotografias as comemorações realizadas pelo dia da consciência negra, em Novembro. Nessas ocasiões alguns elementos da cultura negra são destacados como a capoeira, o maculelê e o samba de roda. Os estudantes aparecem nos registros fotográficos utilizando roupas características dessas práticas culturais, e por vezes os docentes acrescentam a sua indumentária elementos que remetem as tradições afro-brasileiras, como os turbantes. Situações como estas foram problematizadas nas produções acadêmicas sobre educação escolar quilombola.

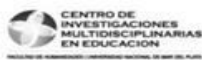
É compreensível a preocupação dos pesquisadores quando questionam a valorização de aspectos da cultura negra no ambiente escolar apenas em festividades ou gincanas relacionadas ao Dia da Consciência Negra, entretanto também é perceptível nos diálogos com os docentes que a realização de atividades como estas é bastante valorizada. Tais momentos já seriam suficientes para construir e consolidar a valorização desse pertencimento étnico-racial dos estudantes. Entretanto, os próprios

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

professores percebem que isso não acontece e quando questionados sobre os motivos a conversa enveredava por caminho conhecido, aquele em que os esforços dos professores nem sempre correspondem ao efetivo aprendizado dos estudantes.

Em outros momentos a narrativa ganha um tom saudosista que remete a um tempo em que a vida era melhor, os professores eram respeitados e valorizados pelos estudantes, invariavelmente arrematado pela expressão: “Aí se no meu tempo a escola fosse assim...”, ou “A gente levava eram os banquinhos de casa, pra não sentar no chão”.

Ou seja, os professores percebem os limites das atividades realizadas coletivamente na escola, em datas comemorativas, como no Dia da Consciência Negra, entretanto, não ocorre um enfretamento quanto aos limites da atividade proposta tanto pelos professores que defendem a importância desses momentos quanto, pelos pesquisadores que negam a sua contribuição.

A partir da leitura dos registros fotográficos das atividades do Dia da Consciência Negra na Escola José Alencar, retomo a pergunta feita por Stuart Hall: “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?” Questionando de outro modo, as práticas de samba de roda, maculelê têm alguma relação com as trajetórias da população de Tanque Bonito, Poças, Laje dos Negros e Lagoa dos Bois? Ou partem de concepção pronta de negritude, num movimento essencializante que naturaliza a diferença? (HALL, 2006, p. 327)

É interessante notar o movimento da narrativa dos professores, ao falar sobre a experiência dos estudantes, remetem-se ao seu tempo de escola e nessa comparação as dificuldades vivenciadas por estes para acessar o ambiente escolar são ressaltadas, colocando-os como pessoas perseverantes e batalhadoras, enquanto os estudantes atuais teriam inúmeras facilidades, que não seriam valorizadas. Nessas construções narrativas qual o papel da fixação e naturalização da identidade negra?

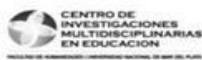
As narrativas são construídas a partir de suas experiências, constituem a base para o saber da experiência. Na perspectiva de Larrosa é uma aprendizagem “por aquilo que nos acontece”, o “modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

(LARROSA, 2002, p. 27) Nesse sentido, também os silenciamentos estão relacionados com aquilo que “nos acontece”. Sendo assim, questiono as justificativas atribuídas a ausência do debate sobre questões raciais na escola ou a recusa para a implementação das leis que obrigam o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira, assim como as falas sobre o “desconhecimento” em relação as Diretrizes Curriculares para Educação Quilombola.

Frequentemente as justificativas para a ausência das experiências dos estudantes quilombolas no ambiente escolar aparecem relacionadas a ausência de material didático e paradidático, a despeito do vasto material disponibilizado sobre a temática na internet, além da distribuição gratuita de coleções com esta temática para escolas quilombolas pelo Ministério da Educação. Além disso, comumente atribui-se o silêncio sobre essa temática à falta de formação de docentes, entretanto, esse argumento por vezes está relacionado a compreensão de formação numa perspectiva pragmática, em que os docentes teriam acesso a informações que seriam incorporadas ao currículo escolar, numa leitura do currículo como conjunto de conteúdos.

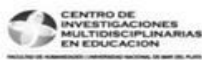
Nas teses e dissertações produzidas sobre educação escolar quilombola, foi bastante comum encontrar hipóteses de que os currículos escolares silenciam a voz dos moradores das comunidades quilombolas, ignorando os seus saberes tradicionais. (FERREIRA, 2014; SANTANA, 2015) Diante disso, questiono; que negritude é essa que estamos buscando nas comunidades quilombolas? Como é possível pensarmos em escolas localizadas dentro dessas comunidades, com 95% de estudantes quilombolas e que não se *contaminaram* com o seu entorno? Sinto que seguir por aí é não considerar que “professores e alunos tecem alternativas práticas com os fios que as redes das quais fazem parte, dentro e fora da escola, lhe fornecem” (FERRAÇO; NUNES, 2013, p.84) Ao insistir nos silêncios, não estaríamos incluindo para excluir? Ou seja, ao enfatizar a escola que queremos, não estamos negando práticas curriculares prenes do cotidiano das comunidades, que não correspondem às nossas expectativas de negritude, e que já

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

ocorrem em comunidades e/ou escolas quilombolas? O que estamos deixando de ver pelo nosso esforço em mostrar o que falta? E o que já acontece? A dificuldade em enxergar/tratar as práticas que já permeiam o cotidiano escolar estaria relacionado à entrada desses saberes na escola por outras vias, que não os instrumentos normativos planejados previamente pelo protocolo escolar? Em outras palavras, a dificuldades estariam em sistematizar o que não consta na lista de conteúdos, no livro didático ou o que no ficaria registrado no diário de classe?

Nos desequilíbrios possibilitados pelos grupos de experiência as construções de si trouxeram à tona narrativas sobre os outros, que vão ganhando contorno pelas oposições; “nós que moramos na sede”, “eles os negros”, “embora eu faça parte dessa miscigenação de raças, mas essa cultura negra talvez não esteja tão intensificada nas minhas veias como aquele povo” ... Assim, o outro desenha-se como aquele que não sou eu e que naturalizado e essencializado é aparentemente celebrado no uso das roupas coloridas ou turbantes em um dia festivo, momento em que no registro da tolerância e celebração à diversidade, estabeleço um lugar para ele, a partir das minhas ficções sobre o que corre nas suas veias.

“LUGAR DE PROFESSORA PRETA E SEM DIPLOMA É NO QUILOMBO”

O cenário formativo voltado para as discussões sobre educação e relações étnico-raciais evidenciou que o acesso a informações ou desconhecimento da legislação não convencem como justificativas para a distância entre as experiências dos estudantes quilombolas em suas comunidades e as proposições do ambiente escolar, e especialmente para as queixas dos estudantes quanto ao tratamento recebido nas escolas, em que são tratados como o “pessoal do Maracujá” ou os “meninos das Poças”.

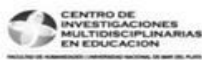
Nas conversas alguns professores assumiram o descontentamento que sentiram quando foram designadas pela Secretaria de Educação para atuar na Escola José Alencar. O

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

sentimento está relacionado a forma como os moradores da sede do município se referem àqueles que residem nos povoados, e especialmente na região das comunidades quilombolas, associadas a violência e miséria.

Alguns professores relataram o medo que sentiriam quando chegaram na escola e continuam a lhe associar situações de violência, a despeito de não terem relatos de eventos com esse teor ocorridas na escola. Quando questionados sobre a diferença entre o cotidiano na Escola José Alencar e outras instituições que já trabalharam ou trabalham, ninguém apresentou características que justificam a associação entre a escola e a violência que aparece nas primeiras conversas.

A despeito disso, o sentimento de que foram castigados na transferência de uma escola da sede para aquela unidade escolar é latente na fala dos professores, até mesmo nas tentativas de construir argumentos positivos sobre sua estadia ali. A fala mais emblemática a esse respeito foi dita numa reunião de planejamento no início do ano letivo e repetida pela mesma professora no segundo Grupo de experiência, ela teria ouvido de uma funcionária da Secretária de Educação Municipal que: “Lugar de professora preta e sem diploma é no quilombo”! Além de denotar as dificuldades de relacionamento na rede municipal, que implicam em abruptas mudanças no local de atuação dos docentes, a fala apresenta elementos que permitem pensar sobre formação de professores e racismo naquele município.

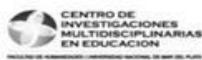
A cidade onde a pesquisa foi realizada localiza-se a 370 quilômetros de distância da capital do estado, onde existe uma concentração maior de instituições de ensino superior. A Universidade pública mais próxima fica a 170 quilômetros da cidade e oferece os cursos de Licenciatura em História, Letras, Geografia e os Bacharelados em Comunicação Social e Administração. Uma variedade maior de cursos pode ser encontrada na segunda maior cidade do estado distante a cerca de 200 quilômetros. Em municípios como o pesquisado era comum a existência de professores leigos em sala de aula, pessoas que não tiveram acesso ao ensino superior e que durante o ensino médio

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

fizeram o curso de magistério. Entretanto, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e pelo Plano Nacional de Educação vigentes a partir de 1996 os gestores tiveram o prazo de 20 anos para que os professores leigos fossem inseridos no ensino superior ou retirados de sala de aula.

Na tentativa de cumprir a meta exigida pelo Ministério de Educação surgiram várias iniciativas de cursos especiais, como o PARFORⁱ que foi responsável pelo acesso ao ensino superior de milhares de professores no Brasil. Naquele Território foram oferecidos cursos de Pedagogia, Letras e História em cidades vizinhas, mas no município não foi oferecida nenhuma turma. Em cidades com essa realidade proliferaram cursos oferecidos por instituições particulares de ensino, que por vezes estabelecem convênios com as prefeituras, para oferecer cursos de graduação para professores nas modalidades presencial ou à distância.

A professora que teria sido transferida para a Escola José Alencar, por ser negra e por falta do diploma é estudante de Pedagogia de uma universidade particular, à distância. Mesma situação em que se encontram outros professores do município. O relato indica que nas escolas da sede permaneciam os docentes que já tinham cursado o ensino superior, enquanto os demais eram lotados em escolas nos povoados.

Em conversas informais com integrantes da Secretaria de Educação sobre as instituições de ensino dos povoados, e especialmente as escolas quilombolas, comumente os alunos atendidos nessas escolas eram destacados por sua condição de vulnerabilidade e carência. Ainda que a condição social destes estudantes seja retratada em um tom de preocupação e pesar, em alguns momentos subentende-se que a pobreza em que vivem as crianças lhes predestinaria ao fracasso escolar, o que por vezes aparece em narrativas que aparentemente denotam inquietação com suas condições de vida: “o que eu posso cobrar dele”.

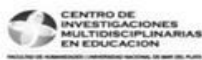
As pistas presentes nas falas de professores e gestores apresentam uma leitura resiliente do contexto em que atuam, certos de que a maioria dos atendidos pelas políticas

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

públicas da educação municipal vai viver nas mesmas condições em que hoje vivem os seus pais. Diante desse quadro, o que tem sido oferecido parece ser suficiente e reforça-se a cantilena do esforço dos professores e do desinteresse de pais e alunos. Em um contexto como esse, pairam no ar algumas perguntas que ainda não foram diretamente formuladas, mas se expressaram em olhares e gestos: Se preocupar com questões raciais em uma escola quilombola não seria um luxo? Solicitar aos professores que atentem as situações de racismo em sala de aula não seria pedir demais? Não seria mais importante dedicar esforços para elevar o IDEB daquela escola, que é o menor do município?

Além disso, há um aspecto do relato da professora que precisa ser problematizado: não é apenas a falta de formação que teria lhe conduzido ao quilombo, tratado naquela fala de forma pejorativa, é a “professora preta” que deve ir para o quilombo. Considerando o conceito de experiência na perspectiva de Larrosa, “como aquilo que nos passa”, entendo que a recusa e\ou dificuldade encontrada pelos docentes para tratar questões étnico-raciais em sala de aula está relacionada a desafio de lidar com essa questão em suas trajetórias de vida. Discordo da leitura que trata a ausência dessas discussões na prática curricular como descaso ou desinteresse, na Escola José Alencar tratar sobre questões raciais é algo difícil para os docentes, o que demanda um olhar pra si, olhar pra seu caminho de formação que diante das exigências legais é cercado de faltas, ausências... escancaradas no acesso recente aos bancos virtuais da universidade. Naqueles novos bancos as teorias apresentadas, nem sempre coadunam com as reflexões sobre o cotidiano que as desmancham e complexificam através dos embates com o saber da experiência.

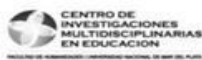
A recusa em atuar naquela instituição não pode ocorrer, uma vez que os profissionais são designados pela Secretaria Municipal de Educação. Tal designação parece provocar questionamentos em relação a trajetória de formação dos professores, assim como das relações políticas estabelecidas no município, diante dessa situação os professores

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

narram suas ações na escola a partir de marcadores que lhes distancia das condições de vida dos estudantes.

Nesse sentido, insistir que os professores não seguem os marcos legais, no tratamento da história afro-brasileira ou das Diretrizes Curriculares para Educação Quilombola, pode não ser a estratégia mais interessante quando o intuito é sensibilizá-los para tratar de temas tão são delicados, que desequilibram a forma como eles se veem e se colocam no mundo.

“PRA MIM FOI UMA EXPERIÊNCIA!”

Eu toda uma vida trabalhei com educação infantil, aí saí da educação infantil e fui pro PACTO/PNAICⁱⁱ (...) Quando foi no ano seguinte me jogaram pro quinto ano e aí eu chorei. Eu não queria. Eu chorei. Me chamaram assim pro canto e me imprensaram mesmo, que era aquilo ou nada. Aí eu me levantei chorando e falei assim: “Vou encarar”. (...) E quando chegava na sala de aula eu travava. Não eram os alunos que travavam. Só que eles começaram a fazer perguntas pra mim e eu não sabia responder. Porque o meu negócio era: “Meu amorzinho, não sei o que mais lá...” “Tá bonitinho...” “Deita aqui...” Eu ia com isso e os meninos começaram a *mangar*ⁱⁱⁱ de mim: “Pró, não sou criança”, “Pró, não sou criança”. (...) Aí eu preparei uma aula: “O caminho da escola”, (...) o que eu pensei pra desenvolver aquela aula... começar a trabalhar com essa turma, desenvolver ... Tirar aquele aperto que tava em mim, que eu não conseguia dar aula ... que foi eu mesmo que me tranquei. Foi eu mesmo. Eu achava que não era capaz. Eu só pensei nisso “O caminho da Escola”. Só que eu queria um caminho da escola, o de antes e o de hoje, que era na época. Aí eu coloquei: “Vamos construir um trabalho”. “Vocês vão trilhar o caminho que vocês vêm até a escola e eu vou trilhar o meu... de quando eu estudava.” Aí eu fiz uma maquete de minha trajetória de lá do Serrote até aqui. Eu na minha bicicleta, com a minha bolsa... tipo uma linha do tempo. Eu na minha bicicleta, com sol, chuva... e duas colegas: uma na garoupa e outra no “quadro” e aí eu fiz um painel e eles fizeram outro painel. E eu pedi pra eles fazerem a comparação; como eles estudavam hoje e como eu estudava naquela época, e eu queria que eles falassem pra mim que diferença tinha. E ali eu comecei a conversar com eles, eu comecei a desabrochar, aquela professora daquele quinto ano e a partir daí acabou o meu medo. Pra mim foi uma experiência.

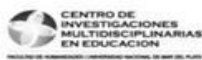
O trecho acima compõe o relato de uma professora, que foi provocada no Grupo de Experiência a falar sobre uma prática realizada em sala de aula que marcou a sua trajetória. Mais uma vez as condições de trabalho se destacam na narrativa dos docentes, nesta por ter sido deslocada pra atuar com uma turma do quinto ano, que ela não se sentia à vontade. Entretanto, sentindo-se “imprensada” a professora buscou

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

estratégias para lidar com a situação. O relato destaca momentos de insegurança: “eu mesmo que me tranquei”; “eu achava que não era capaz”, além de evidenciar a diferença de tratamento atribuída aos estudantes da educação infantil e aos alunos do quinto ano expressa na reclamação deles: “Pró, não sou criança”.

O cunho da narrativa é de superação. Inicia apontando as dificuldades enfrentadas, até chegar ao “ponto de virada”, que provoca alteração na situação vivenciada. O “plot point” foi a proposição de uma atividade que estabeleceu uma relação entre ela e os estudantes da turma, algo que permitiu a construção do vínculo, ao tempo em que possibilitou tratar dos conteúdos voltados para aquela turma, entretanto, a professora iniciou o seu relato deixando claro que falaria sobre algo que “... eu acho que o impacto foi comigo” e finaliza dizendo: “pra mim foi uma experiência”, nos lembrando Larrosa.

O trecho transcrito acima evidencia que as práticas culturais e trajetórias dos sujeitos estão presentes na escola, e dentre estes estão os moradores das comunidades quilombolas. Que elementos da história das comunidades vieram à tona na maquete produzida pelos estudantes? O que diz o trajeto deles das *artes de fazer* dos quilombolas do Tanque Bonito, da Poças e da Lagoa dos Bois? (CERTEAU, 1994) É possível que tenhamos acesso em outros GE's, ou não... Tais narrativas não estão presentes nos registros oficiais da escola, o que talvez denotasse que a professora fugira do estabelecido no planejamento para aquela unidade, entretanto a ausência do registro escrito, não significa dizer que ações voltadas para a valorização da experiência de estudantes quilombolas não estão sendo realizadas.

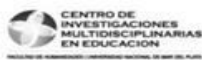
Certamente, naquele ano letivo em que a professora vivia o desafio de ensinar para o quinto ano, turma para a qual foi “jogada”, mantinha-se a necessidade de ministrar as aulas a partir do planejamento realizado com a Secretaria de Educação, que poderia indicar o imperativo de ensinar sobre “medidas de comprimento” ou sobre “os estados físicos da água”. No desenvolvimento da atividade proposta tais conteúdos podem ter vindo à tona, entretanto, o foco da proposta envolvia a relação entre a professora e seus

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

alunos. Apontando para as múltiplas possibilidades das práticas curriculares, que extrapolam e/ou burlam o instituído. Lendo as práticas curriculares como rizoma é possível afirmar com Deleuze que: “No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar.” (DELEUZE, 1996, p. 24)

No registro da caderneta das aulas citadas a proposta realizada pela professora pode constar a conformidade com o conteúdo indicado pelo planejamento coletivo, entretanto o cotidiano daquela sala de aula possibilitou brechas, vazamentos que certamente trouxeram para o debate questões específicas do caminho da escola entre comunidades quilombolas, levando pra dentro do espaço escolar experiências importantes para quem nasceu no Tanque Bonito, Poças e/ou Lagoa dos Bois.

Nesse sentido, o relato da professora indica que a escola foi *contaminada* pelo seu entorno, pelos corpos e experiências de professores e estudantes. Partindo desse ponto, assumimos que as práticas curriculares envolvendo o cotidiano dos quilombola já estão presentes na Escola José Alencar, entretanto para vê-las é preciso abandonar expectativas de negritude e ressaltar as subversões no ambiente escolar, e não os seus instrumentos normativos. Nesse novo rizoma que contigencialmente parece surgir na axila do galho estão envoltas questões de autoestima, formação, autonomia, currículo nas quais relacionam-se as experiências de si construídas pelos professores.

Para tanto, foi necessário abdicar de algumas certezas e pressupostos, abrindo espaço para o que já acontece, com o intuito de ver a riqueza desse cotidiano, que pode ser potencializado com a sensibilização dos professores para enfrentar questões que permeiam seus espaços de trabalho, que talvez tenha uma relação direta com a forma em que se colocam no mundo.

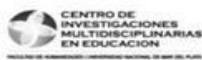
O relato da professora indica que diante do instituído nas práticas curriculares existem galhos, fugas, vazamentos, cujo processo formativo pode potencializar. Através do GE's questiono por que não des-locar os saberes, em um exercício de desconstrução que considere os trânsitos, realinhamentos e deslocamentos, aproximando-se de uma “forma

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

ubíqua de viver a localidade da cultura”, em que as brechas atuariam como tradução cultural? (BHABHA, 2010)

Em outras palavras, a pesquisa tem mostrado que a inserção dos saberes locais na escola organizada como um leque de curiosidades ou apêndices, tem convivido com o tratamento das temáticas cujos efeitos de significados disputam sentidos na comunidade, ao tempo em que dialogam (certamente de forma conflituosa) com saberes hegemonzados por políticas curriculares, evidenciando as tensões que envolvem a produção do conhecimento. Um diálogo permeado pelas formas como professores, gestores, mães e alunos significam a comunidade em que vivem e as relações que estabelecem com o espaço escolar, assim como as projeções sobre suas carreiras e o lugar que ocupam ou que gostaram de ocupar em meio a seu grupo social.

Diante disso, o desafio que se desenha é o de valorizar as invenções curriculares presentes no cotidiano da escola, destacando a autoria dos praticantes, ao tempo em que provocamos fazeres negociados na diferença. Nesse movimento, valorizamos acontecimentos (événement) do cotidiano escolar, no sentido derridiano de acontecimento como evento, como “o que acontece”, que traz no seu bojo o imprevisível. Entendendo que no repertório práticas curriculares presentes na memória dos professores é possível identificar ações de combate ao racismo e valorização da trajetória das populações quilombolas, encaradas como atividades corriqueiras e sem grandes destaques, ao tempo que ganham visibilidade projetos, dinâmicas, feiras e festas que, por vezes importam concepções de negritude estranhas a comunidade, mas correspondentes as generalizações essencializadas como identidade negra.

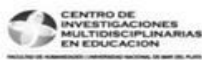
Diante disso, o curso de formação de professores em exercício tem mostrado a importância de afetar os professores das escolas quilombolas. A despeito da intensa divulgação da legislação voltada para o combate ao racismo, bem como o grande número de publicações acadêmicas, didáticas, paradidáticas, em mídia impressa e digital, estudantes ainda se questionam o que é ser quilombola e relacionam essa

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

identificação a algo pejorativo, o que me leva a acreditar que a sedução dos professores para encontrar caminhos com eles e não por eles apresenta-se como uma trilha promissora, pela qual seguimos defendendo a importância de espaços formativos pela invenção de si.

Referências Bibliográficas

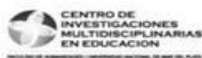
- Alves, Isis C. P. *Fazer do vivido história de vida: a (des)articulação das referências na escrita do memorial de formação*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2013.
- Arruti, J. M. “A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas.” *Mana* Vol.3, n.2. Rio de Janeiro, 1997.
- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- Carvalho, Maria Inez. “O a-con-te-cer de uma formação”. *Revista da FAEEBA*. v.1, n. 1, Salvador, 1992.
- Certeau, Michel de. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 16. ed. (Trad.) Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.
- Deleuze, G; Guattari, F. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- Derrida, J E Roudinesco, E. *De que é amanhã: Diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- Derrida, J. *Margens da Filosofia*. Campinas : Papyrus, 1991.
- Fernandes, Mille C. *MBAÉTARACA: uma experiência de educação de jovens quilombolas no município de Nilo Peçanha/BA*. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

Ferraço, Carlos E; Nunes, Kezia R. “Currículos, culturas e cotidianos escolares: afirmando a complexidade e a diferença nas redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes.” In: FERRAÇO, Carlos E; CARVALHO, Janete M. (Orgs) *Currículos, Pesquisas, Conhecimentos e Produção de Subjetividades*. Petrópolis: DP&A/ Vitória: NUPEC/UFES, 2013.

Ferreira, Antonio. *O currículo em escolas quilombolas do Paraná: a possibilidade de um modo de ser, ver e dialogar com o mundo*. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

Gilroy, P. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

Gordiano, Maiara Araujo. *Família e economia em Conceição do Coité: um estudo a partir dos inventários post mortem (1872-1899)*. (Monografia) Conceição do Coité: 2011.

Hall, S. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

Jesus, Rosane Vieira de. *Comunicação da experiência fílmica e experiência pedagógica da comunicação*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

Larchert, J. M. *Resistência e seus processos educativos na Comunidade negra rural quilombola do Fojo – BA*. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação do centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

Larrosa, J. *Nietzsche e a Educação*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

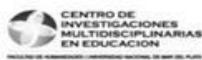
Larrosa, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, 2002.

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

- Larrosa, J. “Tecnologias do eu e educação” In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Macedo, E. “Base Nacional Curricular Comum: A falsa oposição entre conhecimento para fazer algo e conhecimento em si.” *Educação em Revista*. Belo Horizonte. V.32, n.02, p. 45-67, 2016.
- Macedo, E. E Pereira, M. Z. “Currículo e diferença no contexto global” In: PEREIRA, Maria Zuleide; CARVALHO, Maria Eulina P.; PORTO, Rita de C. C. *Globalização, interculturalidade e currículo na cena escolar*. Campinas: Alínea, 2009.
- Macedo, Elizabeth. “Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural.” *Revista Brasileira de Educação*. v.11, n.32, p. 285-297, 2006.
- Macedo, Elizabeth. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. *Cadernos de Pesquisa*, vol. 42, n. 147, p. 716-737, 2012.
- Macedo, Marluce L. *Tradição oral afro-brasileira e escola: (des)encontros na encruzilhada: Uma reflexão a partir do município de Santa Bárbara - Ba.* (Dissertação de Mestrado) Programa de Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia: Salvador, 2012.
- Macedo, R. *Etnopesquisa crítica. Etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2006.
- Nietzsche, F. *Ecce Homo. Como se chega a ser o que se é*. São Paulo: Editora Escala, 2013.
- Oliveira, Inês B. de. “Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos pensados/praticados pelos praticantes/pensantes dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos E; CARVALHO, Janete M. (Orgs) *Currículos, Pesquisas, Conhecimentos e Produção de Subjetividades*. Petrópolis: DP&A/Vitória: NUPEC/UFES, 2013.
- Santana, Carlos E. *Pelejando e arruando. Processos educativos na afirmação de uma identidade negra em território quilombola: Baixa da Linha*. (Tese de

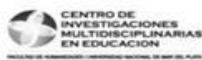
7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS

(HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2015.

Santos, Ana Paula M. *A experiência na formação, a formação na experiência e a ampliação da esfera de presença.* (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2011.

Silva, Cassandra M. da S. *Precipitação curricular responsável: entre a estratégia e o limite singular da identidade negra.* (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

Silva, Givânia M. Da. *Educação Como Processo De Luta Política: A Experiência De 'educação diferenciada' do Território Quilombola de Conceição das Crioulas.* Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação. Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação. Brasília: UNB, 2012.

Rios, Iara Nancy Araújo. *Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX.* Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador – BA, 2003.

Skliar, C. “A educação que se pergunta pelos outros: e se o outro não estivesse aqui?” In: LOPES, A. MACEDO, E. (Org.) *Currículo: debates contemporâneos.* São Paulo: Cortez, 2010.

Souza, Edimária L. O. *Martinha: a história de uma ex-escravizada no sertão de Coité (1870-1933).* 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Programa de Pós-graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, BA, 2016.

ⁱ Plano Nacional de Formação de Professores

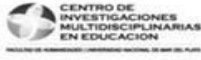
ⁱⁱ Política pública implementada pelo Governo Federal: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

7, 8 y 9 de septiembre de 2017

II FÁBRICA DE IDEAS (HISTORIAS Y PRÁCTICAS)

NARRATIVAS, (AUTO)BIOGRAFÍAS Y PEDAGOGÍA:

OTRA MANERA DE CONOCER, DECIR Y HACER LAS EXPERIENCIAS DE FORMACIÓN



ISBN: 978-987-544-778-3

ⁱⁱⁱ Mangar: caçoar, ridicularizar